A produção textual no Ensino Médio: uma análise argumentativa

Marcela Cristiane Nesello
marcelanesello@yahoo.com.br
Fábio Castilhos Figueredo
fabiocastilhos@yahoo.com.br

RESUMO: A Teoria da Argumentação na Língua (TAL), proposta por Oswald Ducrot, observa que a função primeira da língua é argumentar. Esta está na língua não em fatos externos a ela. Assim, ao emitir um enunciado o locutor argumenta para o seu interlocutor, e dá seu ponto de vista sobre o mundo. Para a TAL, o locutor, quando emite um enunciado, fala do mundo como o vê. Por isso, o objeto da teoria não é o processo enunciativo, mas o produto desse processo, o enunciado. Baseada em preceitos estruturalistas, a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) foi desenvolvida por Ducrot em parceria com Marion Carel, momento atual da TAL. Na TBS, não há passagem do argumento para a conclusão, mas dois segmentos juntos que constroem o sentido. Esses segmentos compõem os encadeamentos argumentativos, que permitem entender os enunciados propostos. Os encadeamentos podem ser normativos (com conectores *donc*, *DC = portanto*) e/ou transgressivos (com conectores *pourtant*, *PT = no entanto*), que nos permitem entender o sentido de um enunciado. Analisa-se uma redação de vestibular para verificar a argumentação construída pelo aluno.

PALAVRAS-CHAVE: texto — discurso — argumentação

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo e questão norteadora analisar de que maneira é construída a argumentação em um texto produzido no Ensino Médio. Para tal, será utilizada como base a Teoria da Argumentação na Língua, desenvolvida por Oswald Ducrot, e especificamente a Teoria dos Blocos Semânticos, de Oswald Ducrot e Marion Carel. O texto analisado foi produzido por um aluno do Ensino Médio de uma escola particular de Porto Alegre no segundo semestre de 2007.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A fim de identificar como é construída a argumentação no texto no Ensino Médio, será adotada a Teoria da Argumentação na Língua, de Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre, com as reformulações de Marion Carel, gerando a Teoria dos Blocos Semânticos.

2.1 Teoria da Argumentação na Língua

Desenvolvida por Oswald Ducrot e Jean Claude Anscombre em 1983, a Teoria da Argumentação na Língua tem raízes estruturalistas e foi concebida inicialmente sobre fundamentos da lógica, que predominam nas primeiras obras lançadas sobre o tema. Logo em seguida passou a ser fundamentada pela Pragmática, e, finalmente, tomou o formato conhecido atualmente.

A teoria tem por base o estruturalismo saussuriano, especificamente a dicotomia língua X fala, o conceito de signo lingüístico e a noção de relação entre os signos. Ducrot fará uma leitura própria desses conceitos. Enquanto Saussure separa língua de fala, sendo a primeira o sistema, o aspecto social da linguagem e a segunda o uso do sistema pelos falantes, o aspecto individual, Ducrot dirá que não é possível separá-las, já que não se pode ter acesso à língua senão pela fala.

Outro conceito estruturalista muito importante na Teoria da Argumentação na Língua é o de signo lingüístico e a relação entre os signos. Saussure explica que o signo contém um significante, a imagem acústica do som, e um significado, o conceito. Oswald Ducrot entende que o significado não tem relação nenhuma com seu referente no mundo, tampouco com o conceito psicológico que os falantes poderiam ter dele, ou com as coisas e as idéias, mas está relacionado com os outros signos. Sendo assim, conclui-se que esta relação não é feita com o mundo, mas é uma relação estritamente lingüística. Saussure explica que é a relação de um signo com outro que os define (um signo é o que o outro não é). Na Teoria da Argumentação na Língua é a relação entre palavras que constrói o sentido.

Segundo Ducrot e Anscombre, essa relação estritamente lingüística é argumentativa, ou seja, ao emitir um enunciado, o locutor está argumentando para o

interlocutor e dando seu ponto de vista sobre o mundo. Para os autores, onde há língua, há argumentação. Sendo assim, a argumentação está na língua, não no mundo real.

Oswald Ducrot na Teoria da Argumentação na Língua utiliza o conceito de fala individual para explicar que o falante, ao emitir um enunciado, deixa nele características próprias e sua própria visão de mundo. Assim, para a Teoria da Argumentação na Língua, o locutor quando emite um enunciado está noticiando como vê o mundo. Por isso, a língua não é representação, e sim o modo de ver o mundo, já que não há como relatar o mundo do modo como ele realmente é porque o locutor sempre o verá de acordo com seu ponto de vista e isto estará marcado na linguagem que utiliza esse locutor.

Logo, o mundo é o que o locutor diz do mundo, por isso a linguagem é argumentação. Em outras palavras, nunca se verá o mundo real, já que o locutor o enuncia segundo seu ponto de vista.

2.1.1 Objetividade, Subjetividade e Intersubjetividade

A Teoria da Argumentação na Língua se opõe à concepção tradicional de sentido. A concepção tradicional de sentido sugere que há três tipos de indicação em um enunciado: a objetiva, a subjetiva e a intersubjetiva.

Como explica Oswald Ducrot na primeira conferência da obra *Polifonía y Argumentación*, de 1988, as indicações objetivas seriam uma representação da realidade, as subjetivas indicam as atitudes do locutor diante da realidade e as intersubjetivas se referem às relações do locutor com as pessoas a quem se dirige.

Oswald Ducrot, na mesma obra citada acima, exemplifica com o enunciado:

(1) Pedro é inteligente.

A semântica tradicional dirá que o aspecto objetivo ocorre no momento em que é feita uma descrição de Pedro. A subjetiva ocorre quando há uma certa admiração do locutor do enunciado por Pedro e a intersubjetiva quando o locutor pede ao seu destinatário um comportamento específico em relação a Pedro, por exemplo, que confie nele, ou, pelo contrário, que desconfie dele.

A Teoria da Argumentação na Língua critica essa análise no momento em que questiona o aspecto objetivo da linguagem. Para Ducrot, ao enunciar que Pedro é inteligente, o locutor dará, sim, uma descrição dele. No entanto, essa descrição estará ligada à admiração subjetiva do locutor por Pedro, já que ele emitirá tal enunciado a partir de sua opinião sobre Pedro e sobre sua inteligência.

O mesmo ocorre com o aspecto intersubjetivo. Ao enunciar que Pedro é inteligente, necessariamente se argumenta para que o interlocutor aja desta ou daquela maneira em relação a Pedro.

Por isso, Ducrot afirma que não há objetividade na linguagem, já que não é possível falar sem colocar seu ponto de vista. Logo, se não há como falar sem apresentar seu ponto de vista, a linguagem é subjetiva e não representacional, sendo seus únicos aspectos o subjetivo e o intersubjetivo.

Ducrot ainda explica que a união desses dois aspectos resultará no "valor argumentativo". O valor argumentativo é a orientação que a palavra dá ao discurso. O valor argumentativo que a palavra carrega exigirá que o enunciado continue desta ou daquela maneira.

Continuando com o exemplo fornecido por Ducrot na obra *Polifonía y Argumentación*, a palavra "inteligente" tem valor de "capaz", de "possuidor de conhecimento". Por isso, quando se diz que Pedro é inteligente, não se poderia continuar o discurso com "logo não poderá resolver o problema". É necessário dizer "Pedro é inteligente, logo poderá resolver o problema". Se for o caso de o locutor crer que mesmo sendo inteligente Pedro não conseguirá resolver o problema, não poderá utilizar "logo". Deverá utilizar "mas". Assim, "Pedro é inteligente, mas não poderá resolver o problema".

2.1.2 Conceitos de frase e enunciado, significação e sentido, texto e discurso

A fim de compreender a Teoria da Argumentação na Língua o esclarecimento de alguns conceitos-chave utilizados por Ducrot se torna essencial.

Iniciemos por frase e enunciado. Para o autor, a frase é uma entidade teórica. Por isso, ela não pode ser observada. Ela serve para explicar a infinidade de enunciados, que é o que ouvimos e vemos. Como explicam Flores e Teixeira (2005), "a frase é um objeto teórico do domínio do gramático, não observável ao lingüista".

Já o enunciado é uma realidade empírica que pode ser observada quando escutamos alguém falar. Novamente citando Flores e Teixeira (2005), “o enunciado é a ocorrência histórica da frase”.

Na primeira conferência da obra *Polifonía y Argumentación* (1988), Oswald Ducrot dá um exemplo que torna bastante clara a diferença entre frase e enunciado:

> Suponhamos que alguém diga três vezes seguidas ‘hace buen tiempo’. Direi que neste caso teremos três enunciados sucessivos de somente uma frase do espanhol. Isso significa que o enunciado é, para mim, uma das múltiplas realizações possíveis de uma frase. (DUCROT, 1988, p. 53)

Tanto a frase quanto o enunciado contêm um valor semântico. São eles a significação e o sentido.

Segundo Ducrot (1988), a significação é o valor semântico da frase e o sentido é o valor semântico do enunciado.

A diferença entre significação e sentido, como explica o autor, é quantitativa e de natureza. É quantitativa porque o enunciado diz muito mais que a frase. Por isso se diz que o enunciado está sobredeterminado em relação à frase. É também de natureza porque a significação consiste em um conjunto de instruções que permitem interpretar os enunciados da frase. A instrução é essencialmente aberta e diz o que se deve fazer para encontrar o sentido do enunciado. Ducrot diz que “o sentido do enunciado se produz quando se obedecem às indicações dadas pela significação” (DUCROT, 1988). Este sentido, para Ducrot, será polifônico. Assim, haverá no enunciado a presença de um determinado número de pontos de vista, chamados enunciadores. Este tema será tratado com maiores detalhes no item 2.3.

Já quanto ao texto e o discurso, eles operam em nível diferenciado do da frase e do enunciado. Enquanto a frase e o enunciado são de nível elementar, o texto e o discurso são de nível complexo. O texto é composto de frases e o discurso é composto de enunciados inter-relacionados. Portanto, uma mera sucessão de frases e enunciados não compõem um texto e um discurso. Eles devem estar conectados entre si, porque somente assim construirão o sentido.

2.1.3 O sujeito empírico, o locutor, o enunciador e a polifonia

Para a Teoria da Argumentação na Língua é importante diferenciar o sujeito empírico, o locutor e o enunciador.

O sujeito empírico é o sujeito no mundo, o autor efetivo do enunciado. Entretanto, identificar o autor efetivo do enunciado não é uma tarefa simples, e também é muito mais preocupação dos sociolingüistas, psicolingüistas e sociólogos. Isso porque pode-se dizer que todos os discursos que emitimos são, de uma maneira ou de outra, repetição. Assim, questiona-se quem emitiu o enunciado. Um exemplo dado por Ducrot é o de uma peça de teatro. A quem remeteremos o que é dito em uma peça? Ao personagem? Ao ator? Ao escritor da obra? Por isso, não importa para o lingüista da enunciação quem é o sujeito empírico, já que dificilmente ele será identificado. O que interessa ao lingüista da enunciação é o produto da enunciação, ou seja, o enunciado.

Falando agora sobre o locutor, ele é o verdadeiro responsável pela enunciação no próprio enunciado. Referem-se ao locutor as marcas de primeira pessoa (eu, meu, me, etc.) no discurso. Além do mais, o indivíduo não é autor até não estar emitindo um enunciado. Portanto, o locutor é o produtor do discurso e só será locutor enquanto estiver produzindo discurso.

Em relação aos enunciadores, Ducrot diz que eles são as origens dos diversos pontos de vista que se apresentam no enunciado. Assim, os enunciadores não são pessoas, mas pontos de perspectiva abstratos.

Para Ducrot, o sentido é polifônico, ou seja, no enunciado haverá a possibilidade de um certo número de enunciadores, de pontos de vista.

Vejamos o exemplo:

(2) Marcos deixou de praticar esportes.

A polifonia ocorre em (2) no momento em que há um “não dito”. Esse “não dito” são os enunciadores (E) que, como vimos anteriormente, não são pessoas, mas argumentadores, possíveis pontos de vista. Estes pontos de vista não são ditos, mas pressupostos no discurso do locutor. Assim:

(3) Marcos deixou de praticar esportes.

E1: Marcos praticava esportes.

E2: Marcos não pratica esportes agora.

Com isso, se pode analisar (3) da seguinte maneira: na função de sujeito empírico está o sujeito no mundo, na função de locutor está o responsável pelo enunciado (3) e na função de enunciador estão os diferentes pontos de vista que aparecem no enunciado. No enunciado (3) há duas indicações: o pressuposto "Marcos praticava esportes" e o posto, "Marcos não pratica esportes hoje".

Portanto, a polifonia segundo Ducrot é um diálogo entre discursos que pode ser esquematizada da seguinte forma:

Marcos deixou de praticar esportes.

E1: Marcos praticava esportes.

E2: Marcos não pratica esportes agora.

2.2 A Teoria dos Blocos Semânticos

A Teoria dos Blocos Semânticos foi proposta por Marion Carel em sua tese de 1992 e busca ampliar a Teoria da Argumentação na Língua. Nessa teoria, Carel reformula um conceito anterior de Ducrot e Anscombre de que o argumento e a conclusão podem ser interpretados isoladamente.

Na primeira conferência da obra *La Semántica Argumentativa: una introducción a la teoría de los bloques semánticos*, de 2005, Ducrot explica como antes tratava o enunciado. Para ele, os encadeamentos argumentativos se baseavam em princípios gerais chamados *topoi*. Os *topoi* permitiam a passagem entre o argumento e a conclusão e apresentavam-se, segundo o autor, na forma "quanto mais verdadeiro é o que se diz no argumento, mais verdadeiro será o que se diz na conclusão" (DUCROT, 2005). Assim, utilizando um exemplo dado por Ducrot na mesma obra citada acima:

	ARGUMENTO	conector	CONCLUSÃO
(4)	O hotel é perto	logo	é fácil chegar.

No exemplo, o *topos* conecta o argumento com a conclusão. Assim, ele é um princípio que permite a passagem do argumento para a conclusão. O que ocorre é que, para a teoria de *topos*, o argumento e a conclusão teriam significados independentes um do outro, o que não é verdade, pois os dois juntos construirão o sentido.

Ducrot afirmava que o *topos* é social e está fora da linguagem, assim, o enunciado acima baseia-se no fato de que quanto mais perto, mais fácil de chegar. O que ocorre é que Ducrot e Anscombre, para fazer tal afirmação, baseavam as relações argumentativas em princípios não-lingüísticos, em princípios da realidade. Isso estaria afrontando o princípio saussuriano de que a língua só pode ser estudada nela mesma.

Foi Marion Carel que identificou, portanto, que a Teoria dos *Topoi* deveria ser substituída. A mudança necessária ocorre quando ela analisa que a Teoria dos *Topoi* se baseava em elementos existentes no mundo, o que não pode ocorrer em uma teoria que afirma que a argumentação está estritamente na língua.

2.2.1 Encadeamentos Normativos e Encadeamentos Transgressivos

Já sabendo que o primeiro e o segundo segmentos de um encadeamento não podem ser interpretados independentemente um do outro, Oswald Ducrot juntamente com Marion Carel chama o sentido que decorre dos dois segmentos de bloco semântico. Os blocos semânticos se realizam por encadeamentos. Os encadeamentos, por sua vez, têm dois aspectos: Normativo e Transgressivo. Antes de apresentá-los, porém, se faz necessária a explanação do que é um encadeamento.

Quando temos

perto	portanto	fácil de chegar

temos um encadeamento argumentativo deduzido do seguinte esquema geral:

X conector Y

Assim, encadeamentos argumentativos são discursos que o sentido de uma entidade lingüística evoca, e são constituídos de dois segmentos (X e Y) unidos por um conector.

Na Teoria dos Blocos Semânticos, Ducrot e Carel aceitam somente dois tipos de encadeamentos: os normativos e os transgressivos. Nos encadeamentos normativos há conectores do tipo *donc* (*fr*. portanto) e nos transgressivos *pourtant* (*fr*. no entanto). Assim, a esquematização será:

<u>Encadeamento Normativo</u>

X DC Y

<u>Encadeamento Transgressivo</u>

X PT neg Y

Analisemos o mesmo exemplo (4) dado por Ducrot, aplicando-o nos dois encadeamentos:

(5) O hotel é perto DC fácil de chegar.

(6) O hotel é perto PT não fácil de chegar.

Em (5) temos no segmento X a palavra "perto" que carrega o valor semântico de proximidade, logo, facilidade de chegar. Ao aplicar DC é fácil de chegar, se está obedecendo à norma, logo, é um Encadeamento Normativo. Entretanto, em (6) tem-se a mesma palavra "perto", com seu valor de proximidade, logo, facilidade, mas o uso de PT e de "não fácil" caracteriza que, mesmo sendo perto, o acesso é difícil. Assim, ocorre uma transgressão da regra, ou seja, um Encadeamento Transgressivo.

A razão por que Ducrot e Carel aceitam apenas estes dois tipos de encadeamento é que cada um dos dois segmentos encadeados pode ter somente um sentido em relação ao outro. Além disso, eles podem representar outros conectores, assim, DC pode ser "portanto", "logo", "então", etc. e PT pode ser "entretanto", "contudo", "mas", etc.

3 ANÁLISE

3.1 *Corpus*

A redação que será tomada para análise é de aluno do Colégio João Paulo I, da rede privada de ensino de Porto Alegre. O texto foi escrito durante o segundo trimestre de 2007, mais especificamente no mês de setembro. Os alunos dessa escola, normalmente, têm dedicação exclusiva para as atividades escolares. O Colégio João Paulo I trabalha com quatro períodos semanais de Língua Portuguesa e um especificamente para a Redação, buscando focar diretamente o Vestibular. A orientação da escola é de se produzir uma redação a cada duas semanas, em casa, e com a possibilidade de encontrar outros professores de Língua Portuguesa para plantões que possam tirar dúvidas acerca da produção do texto. Pensando na escrita deste artigo, foi perguntado à professora titular da disciplina se poderia fazer cópia de alguma que considerava interessantes de serem discutida.

Os temas propostos pela escola têm como foco a dissertação que acredita-se ser cobrada no vestibular das maiores universidades do Estado. A turma de 2° ano do Ensino Médio teve de escrever um texto sob o seguinte tema:

Proposta de Redação

LEIA ATENTAMENTE AS INSTRUÇÕES QUE SEGUEM

• Redija uma dissertação — texto opinativo/argumentativo — de forma clara, coesa e coerente, atendendo à solicitação da proposta.

• Faça, no mínimo, quatro parágrafos (introdução dois de desenvolvimento e conclusão) com, no mínimo dois períodos cada.

• Apresente **o tema e suas delimitações** na introdução.

• Não copie trechos da prova ou da proposta.

• Dê um título ao seu texto.

• Obedeça ao número de linhas solicitado: **30 a 50 linhas**.

• Não rasure. Se isso acontecer, passe um traço sobre a expressão errada e coloque-a entre parênteses. Não é permitido o uso de corretivo.

• Use lápis apenas no rascunho. Na folha definitiva, utilize caneta azul ou preta.

• Critérios para anulação:

° Fuga ao tema;

° Texto totalmente narrativo;

° Texto escrito a lápis;

° Número de linhas menos que 30.

Pois bem, sua redação versará sobre o seguinte tema: **a banalização das atitudes e o descaso do ser humano diante de atos irreparáveis**. Para tratar dessa temática, procure enfocar essa afirmativa em experiências próprias, em que percebes que, ao mesmo tempo em que nos chocamos frente às muitas brutalidade do dia-a-dia, temos a capacidade de ignorá-las completamente quando não nos dizem respeito diretamente. Não esqueça que você está sendo solicitado a redigir uma dissertação, texto que se caracteriza por um esforço de reflexão em torno de um tema. Utilize, portanto, sua experiência como ponto de partida, mas apresente-a articulada num texto argumentativo, organizado dissertativamente.

Tendo em vista as considerações teóricas feitas relacionadas à Teoria da Argumentação na Língua e pela aproximação feita ao texto escolar, por entender que todo uso que se faz da língua é argumentativo, tomaremos uma redação de aluno para análise com a finalidade de refletir e tentar mostrar como a teoria de Oswald Ducrot pode auxiliar no trabalho escolar com o texto. O estudo se centrará na forma como os encadeamentos argumentativos se estabelecem em um texto escolar, em como os alunos de Ensino Médio fazem as relações entre os enunciados e entre os parágrafos que compõe o texto, partindo do princípio da Teoria da Argumentação na Língua de que a língua é argumentativa.

3.2 Análise

O presente texto tomado para análise foi produzido pelo aluno J. O Colégio João Paulo I, assim como o Vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, não cobra a presença de título nas redações que são entregues.

Vivemos em um mundo de capitalismo, competição, um mundo onde a globalização acirra as disputas ao contrário de unir os povos e culturas. Cada dia se toma conhecimento de novos problemas mundiais e, se ligamos a televisão não nos faltam notícias dos mais diversos tipos de crimes, assaltos, assassinatos, com os quais convivemos todos os dias.

Conhecer alguém que foi vítima de algum tipo de violência não é mais tão raro como já foi tempos atrás. Todos têm consciência da situação de violência e problemas, como maltrato de animais e a poluição. Quem finge não saber da ocorrência desses fatos é porque não quer ver e é conivente, assumindo uma posição nula diante das atitudes que poderia tomar para fazer a sua parte na hora de resolver essa situação.

Muito poucas são aquelas pessoas dispostas a abrir mão de suas buscas para lutar por um mal que é cometido por tantos outros. São milhões de pessoas matando queimando e destruindo no mundo todo, contra os poucos que se dispõe a combatê-los. Tomar uma atitude dessa dimensão, onde precisamos abrir mão dos nossos hábitos e da nossa batalha por um espaço em uma sociedade que não reconhece os problemas que causa para o próprio mundo em que vive, para tentar fazer a diferença é um passo muito grande para a maioria de nós que está concentrado apenas no seu próprio bem.

Mas o que falta em cada um de nós é a consciência de que aquilo que pertence a todos é, na verdade, responsabilidade de cada um de nós. Devemos assumir uma postura de mudança para com todos esses problemas com os quais nos tornamos indiferentes, porque se não for assim, é impossível prever se a situação será reversível, se é que ainda é.

Com relação ao primeiro parágrafo, é possível se chegar aos seguintes encadeamentos:

Mundo de capitalismo, competição e globalização	DC	disputas

Mundo de capitalismo, competição e globalização	DC	não união dos povos e culturas

Não união dos povos	DC	novos problemas mundiais

Novos problemas mundiais	DC	diversos tipos de crimes, assaltos e assassinatos

Já na transição entre o parágrafo de introdução e o segundo parágrafo, há uma retomada através da idéia de que crimes, assaltos e assassinatos são cada vez mais comuns, portanto:

Convivemos com os mais diversos tipos de crimes, assaltos e assassinatos.	DC	conhecer alguém vítima de violência não é tão raro como já foi tempos atrás.

No desenvolvimento desse segundo parágrafo, o encadeamento é em torno da consciência de todos.

Todos têm consciência da situação de violência	DC	quem finge não saber da ocorrência não quer ver

E se

Não quer ver	DC	é conivente

E outro encadeamento é:

É conivente	DC	assume posição nula

O terceiro parágrafo se conecta ao segundo devido à idéia de que há muitos crimes, enquanto há poucas pessoas combatendo-os apresenta outros encadeamentos.

Tomar uma atitude dessa dimensão	DC	passo muito grande para a maioria de nós

Milhões de pessoas matando, queimando e destruindo no mundo todo	PT	poucos se dispõem a combatê-las

Já a conclusão do texto conecta-se ao parágrafo anterior devido ao articulador *mas*. É possível, então, construir o seguinte enunciado:

Tomar uma atitude dessa dimensão é um passo muito grande, mas há consciência.

Tomar uma atitude dessa dimensão é um passo muito grande para a maioria de nós	DC	não tomar atitude

Consciência de que aquilo que pertence a todos é responsabilidade de cada um de nós	DC	tomar atitude

A finalização do texto, fala da postura de mudança das pessoas.

Postura de mudança	DC	possibilidade de prever se a situação é reversível

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto escolar é um gênero discursivo como qualquer outro. É usado na instituição escolar para que haja um modo de avaliar como e o quê os alunos têm a dizer a cerca de determinados assuntos propostos pelo professor. Quaisquer assuntos.

A partir da análise do texto escrito pelo aluno J, é possível perceber que em seu trabalho os diversos enunciados estão relacionados entre si, construindo o sentido de maneira clara e coesa, e permitindo que o interlocutor compreenda os pontos de vista assumidos pelo locutor. Isso se deve ao fato de que os sentidos são construídos dentro da linguagem em uso, e não em fatos externos a ela.

A Teoria da Argumentação na Língua, que tem argumentar como função primeira, nos permite, portanto, encontrar nesse (e em qualquer outro) discurso o sentido construído pelo locutor para um interlocutor. Isso comprova que a linguagem tem por características a subjetividade e a intersubjetividade, não podendo haver objetividade porque ela não representa nem descreve o mundo real.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. *La Semantica Argumentativa* — una introducción a la Teóia de los Bloques Semanticos. Buenos Aires: Ediciones Colihue, 2005.

DUCROT, Oswald. *Polifonia y argumentación* — conferencias del seminario Teoria de la argumentación y Análisis del discurso. Cali: Universidad del Valle, 1988.

FLORES, Valdir; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Lingüística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo. Editora Cultrix, 2005.